

ENSINO DE INGLÊS NA ESCOLA PÚBLICA E SUAS POSSÍVEIS DIFICULDADES

TEACHING ENGLISH IN PUBLIC SCHOOLS AND ITS POSSIBLE DIFFICULTIES

Gabriela Quatrin Marzari¹
Wilma Beatriz Schultz Gehres²

Resumo

O presente artigo tem como objetivo investigar possíveis problemas relacionados ao ensino e à aprendizagem de língua inglesa na educação básica da escola pública, considerando-se o material didático utilizado nesse contexto. Como *corpus*, foram analisados dois livros do Ensino Fundamental: o livro *Links*, da Editora Ática, e o livro *Extreme 1*, da Editora Richmond, adotados, respectivamente, por alunos do 6.º ano e por alunos da 5.ª e 6.ª séries da Escola Estadual Padre Rômulo Zanchi, vinculada ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), financiado pela CAPES. A análise dos livros teve como propósito investigar a possibilidade de se trabalhar as quatro habilidades na língua inglesa: *listening*, *writing*, *speaking* e *reading*. Por meio deste estudo, objetiva-se esclarecer e, se possível, justificar as principais dificuldades encontradas na sala de aula de língua inglesa, tendo como foco o material de ensino utilizado.

Palavras-chave: Ensino de língua inglesa, dificuldades de ensino e aprendizagem, escolas públicas.

Abstract

This paper aims to investigate potential issues related to the English language teaching and learning in basic education at public schools, taking into consideration the teaching material used in such contexts. With this in mind, these two books, which are adopted at Elementary School, were analyzed: *Links*, published by Atica Editora, and *Extreme 1*, published by Richmond. The books are adopted respectively by sixth-year students and fifth and sixth-grade students at Escola Estadual Rômulo Zanchi, which integrates the Teaching Initiation Scholarship Program (PIBID), financially supported by CAPES. The analysis of these books aimed to investigate the possibility of working the four English language skills: listening, writing, speaking and reading. By means of this study, one intends to clarify and, if possible, explain the main difficulties found in the English classroom, focusing on the teaching material adopted.

Keywords: *English language teaching, teaching and learning difficulties, public schools.*

Introdução

¹ Doutora em Letras (UCPel). Professora do Curso de Letras: Português e Inglês. Coordenadora do Subprojeto Letras: Inglês - PIBID/CAPES - do Centro Universitário Franciscano. E-mail: gabrielamarzari@gmail.com

² Acadêmica do Curso de Letras Inglês. Bolsista subprojeto Letras Inglês - PIBID/CAPES - Centro Universitário Franciscano. E-mail: beatriz.gehres@gmail.com

Com o passar dos tempos, aprender uma outra língua que não a materna, ou seja, a chamada segunda língua ou língua estrangeira, tornou-se algo de grande importância para a formação do indivíduo. O ensino e a aprendizagem dessa outra língua, como é o caso da língua inglesa, vêm se tornando um desafio para professores e alunos, sobretudo, nas escolas de educação básica, devido a inúmeros fatores. Alguns exemplos da dificuldade enfrentada por professores são a falta de material didático adequado para cada série, o desinteresse demonstrado pelos alunos em relação à disciplina, a carga horária insuficiente para o ensino eficaz dos conteúdos, o elevado número de alunos em sala de aula e o próprio despreparo dos professores, que, muitas vezes, sabem pouco da língua que estão ensinando.

Em relação às dificuldades geralmente enfrentadas pelos alunos, estão a reduzida carga horária destinada à aprendizagem do idioma e a falta de espaços de interação fora dos contextos formais de ensino, o que acabam por caracterizar essa prática como sendo algo desnecessário porque deslocado da realidade imediata e dos verdadeiros interesses do aluno. Tais dificuldades, além de comprometerem a eficiência da aprendizagem da língua estrangeira, contribuem para que haja um verdadeiro descaso em relação ao ensino da disciplina, principalmente, no contexto da escola pública, não apenas por parte dos alunos, mas também por parte da comunidade em geral.

Entretanto, a partir do que propõem os PCN de língua estrangeira (1999), tem-se a possibilidade de aumentar, no aluno, a percepção sobre a importância da aprendizagem de, pelo menos, uma língua estrangeira, visando a sua formação como ser social e, além disso, buscar restaurar o papel da língua estrangeira no cenário educacional contemporâneo. Para que isso aconteça, dentre outros aspectos a serem considerados, é preciso que o professor trabalhe as quatro habilidades da língua estrangeira (*listening, writing, speaking e reading*) e desenvolva, no aluno, não apenas a capacidade de compreender, mas também de interagir e se fazer entender por meio da língua estrangeira que estuda. Para Corchs (2006), as atividades envolvendo a habilidade da escrita são vistas pelos alunos como repetitivas, pois os temas abordados para serem desenvolvidos por eles, na maioria das vezes, são assuntos que não os estimulam a usar imaginação e criatividade quando escrevem. As atividades auditivas apresentam, na grande maioria dos exercícios, objetivos que são comuns aos alunos, isto é, exploram o que eles estão habituados a resolver, o que pode resultar em falta de motivação para a resolução das atividades propostas pelo professor, desse modo, não estimulando o senso crítico do aluno.

Uma possível solução para os problemas enfrentados no ensino de línguas estrangeiras, segundo Leffa (2011, p. 31), envolveria basicamente três ações: “(...) criar uma parceria entre professor e alunos, formando uma comunidade entre eles no ambiente da sala de aula; estabelecer os objetivos que os alunos almejam; buscar meios necessários para alcançar esses objetivos de cada indivíduo.” O desenvolvimento de uma relação de cumplicidade entre professores e aprendizes, que contemple os interesses de ambos, possivelmente trará resultados mais positivos no que diz respeito ao conhecimento de línguas estrangeiras.

1. Fundamentação Teórica

O ensino da língua inglesa na escola caracteriza-se por envolver não só a língua a ser estudada, mas também a língua materna do aluno, neste caso a língua portuguesa, que vem a desempenhar um papel maior na qualificação da aprendizagem da segunda língua por parte do aprendiz. Conforme Paiva (1997), os alunos saem da escola sem aprender uma língua estrangeira de forma eficiente, pois acreditam que precisariam falar a língua alvo fluentemente para provar que realmente a conhecem, o que não ocorre na maioria das vezes. Além disso, muitas vezes demonstram certo desinteresse em relação à aprendizagem de uma língua estrangeira, sob o argumento de que só utilizariam determinado idioma se viajassem para países onde esse idioma é falado. Isso não é verdade, pois, com todo o avanço tecnológico, hoje podemos aprender uma língua estrangeira sem sair de casa, por meio do computador ou mesmo da televisão, que tem apresentado muitas propagandas em língua inglesa somente com a legenda. O professor tem um papel fundamental nesse sentido, pois compete a ele mostrar aos alunos a importância de aprender uma língua estrangeira, principalmente na sociedade contemporânea, tendo em vista as múltiplas possibilidades de interação e comunicação que estão cada vez mais disponíveis aos indivíduos.

Outro problema em relação ao ensino de línguas estrangeiras na educação básica é o fato de muitos professores não estarem ou não se sentirem devidamente qualificados para ensinarem determinado idioma. Soma-se a isso o fato de que, muitas vezes, há falta de docentes com formação específica na área para atuarem como professores de língua estrangeira nas escolas onde desenvolvem outras atividades. Isso implica haver professores de diferentes disciplinas ministrando aulas de língua inglesa, por exemplo, embora não tenham

desenvolvido habilidades linguísticas e competência metodológica adequadas para o ensino de determinada língua estrangeira.

Como um dos principais problemas relacionados ao ensino de línguas estrangeiras na contemporaneidade, destaca-se o fato de que a escola tem sonogado o conhecimento ao aluno. Nesse sentido, Leffa (2007) argumenta que a escola dá ao aluno a ilusão de que ele é dono de seu dizer e de sua vontade quando este afirma: “Eu odeio inglês”, “Eu não consigo aprender inglês”, “Como faço para aprender inglês?”, entre outros. Reafirmando essas ideias, a escola acaba contribuindo para que o aluno economicamente desfavorecido não sonhe, não aprenda, não acredite em seu potencial, ou seja, que estabeleça e defina, para si, um determinado lugar, de modo que lá permaneça inerte. Desse modo, esse aluno passa a acreditar que nunca irá aprender uma língua estrangeira porque não tem competência para isso e, principalmente, porque não encontra razões para isso. A escola, ao permitir que essa crença se estabeleça, acaba negligenciando conhecimento e reforçando, no aluno, o argumento de que “aprender uma língua estrangeira não serve para nada mesmo”. Com isso, a escola contribui para a não inclusão do aluno pobre nas práticas emancipatórias, negando-lhe o direito quanto ao acesso e à construção do conhecimento em relação à língua estrangeira.

Para Abreu (2009), um dos principais obstáculos em relação ao ensino de línguas estrangeiras na educação básica, em especial a língua inglesa, está no fato de que o aluno não se sente seguro para falar em inglês, demonstrando vergonha e falta de confiança perante os demais colegas e o professor. Com isso, o aluno acaba fazendo uso do português para se comunicar em sala de aula e acaba obrigando também o professor a falar na língua materna. Dessa forma, as aulas de língua inglesa acabam sendo totalmente ministradas em português. A resistência em relação ao uso da língua inglesa faz com que os alunos não correspondam satisfatoriamente aos objetivos da disciplina; a falta de confiança, associada ao medo de errar, faz com que a aprendizagem de uma língua estrangeira se torne um sonho cada vez mais distante na educação básica.

Segundo Vilaça (2010) o principal papel do professor de língua estrangeira seria, necessariamente, o de defender a sua disciplina perante os alunos, mostrando para todos e para a estrutura educacional a importância e a grandiosidade de seu estudo aprofundado. Com isso, cabe ao professor desmistificar ideias e modificar posicionamentos relativos à disciplina, muitas vezes prejudiciais ao processo de ensino e aprendizagem. Para Gimenez (2011), os professores devem expandir seus olhares para fora da sala de aula quando ensinam a língua

inglesa aos alunos, como, por exemplo, explorar o uso da língua fora do contexto da escola, a fim de analisar a mediação entre pessoas de diferentes culturas, que falam diferentes idiomas.

2. Metodologia

Para a realização do presente estudo, realizou-se uma pesquisa bibliográfica, seguida de análise de livros didáticos, para levantamento das possíveis dificuldades relacionadas ao ensino de língua inglesa na educação básica. Como *corpus* deste estudo, foram selecionados os seguintes livros didáticos de língua inglesa: *Links*, da Editora Ática, e *Extreme 1*, da Editora Richmond, adotados, respectivamente, no 6.º ano e na 5.ª e 6.ª séries do Ensino Fundamental da Escola Estadual Padre Rômulo Zanchi, vinculada ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). A análise dos livros teve como propósito averiguar se há propostas para o desenvolvimento das quatro habilidades em língua inglesa e como essas propostas contemplam tais habilidades, considerando os exercícios que são apresentados e desenvolvidos.

3. Resultados e Discussões

Tomando-se como base estudos já desenvolvidos sobre ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras, conforme apresentados na Fundamentação Teórica, os materiais didáticos selecionados foram analisados com base nos seguintes aspectos:

1. Se há, no livro, exercícios envolvendo as quatro habilidades;
2. Como essas habilidades são desenvolvidas; e
3. Se as atividades são eficientes do ponto de vista pedagógico.

O primeiro livro analisado, *Links*, adotado pelo 6.º ano do Ensino Fundamental da Escola Estadual Rômulo Zanchi, é dividido em dez unidades, que estão subdivididas em: *Grammar*, *Vocabulary* e *Communication*. Ainda, é possível encontrar, em cada unidade, um tema transversal, como cidadania, ética, multiculturalismo, entre outros. O livro contém, logo no início, atividades de *listening e speaking*, permitindo que o aluno se apresente oralmente diante da turma. Acredita-se que, por ser um livro de nível básico, as habilidades não são

muito exploratórias para o aluno; nas questões de *reading*, há pequenos textos com enunciados curtos, como: *Listen to the CD*, *Read the text* e *Close your books*. Os textos são seguidos de exercícios de múltipla escolha e de perguntas para serem respondidas em língua inglesa, desse modo, explorando a habilidade do *writing*.

O livro permite que o aluno aprenda e amplie seu vocabulário, pois há um glossário com palavras novas para serem trabalhadas por ele. No final do livro, são apresentadas atividades extras, que se destinam à interpretação de textos e revisão ou consolidação de conceitos e regras da língua inglesa por meio de exercícios considerados básicos, de modo que o aluno possa praticar o que já sabe, sustentando o seu conhecimento na língua alvo. O livro traz um CD de áudio, por meio do qual o aluno pode explorar a habilidade de *listening* dentro ou fora da sala de aula. Apesar dessa diversidade de recursos, acredita-se que o professor deva buscar outras fontes de insumo fora do livro didático, tais como recursos de áudio e vídeo diversificados para o ensino da língua inglesa, a fim de suprir as dificuldades que os alunos encontram para aprender a língua.

O segundo livro analisado, *Extreme*, adotado pela 5.^a e 6.^a séries do Ensino Fundamental da Escola Estadual Padre Rômulo Zanchi, é dividido em onze unidades, subdividas em: *Grammar*, *Vocabulary e Pronunciation*, *Communication*, *Sociocultural e Learning Skills* e contempla exercícios de nível básico para trabalhar números, apresentações pessoais, comidas, vestuário, entre outros tópicos. A grande maioria dos exercícios prevê a utilização do CD de áudio, que vem anexado ao livro. As atividades de áudio, contudo, não contemplam os textos apresentados ao longo do livro, desse modo, não contribuindo efetivamente para o desenvolvimento da habilidade de *listening* por parte do aluno. Além disso, não há muitas atividades de *reading* no livro; em vez disso, apenas pequenos diálogos, nos quais o aluno deve completar as lacunas com as informações faltantes (atividades conhecidas como *fill in the gaps*), a fim de retomar o conteúdo visto ao longo da unidade. As habilidades do *speaking* e *writing* também não são muito exploradas, apenas por meio de diálogos entre pessoas. Um aspecto positivo do livro é que apresenta, na forma de anexo, uma espécie de *Workbook*, com atividades extras para os alunos.

A partir da análise de ambos os livros selecionados, pode-se concluir que, embora atendam em grande parte aos aspectos previamente elencados para fins de análise, o professor deve sempre buscar subsídios em materiais didáticos diversificados, a fim de que haja um ensino eficaz. Independente do idioma a ser ensinado ou aprendido e por mais completo que

seja o livro didático, este jamais atenderá a todas as necessidades dos alunos, visto que estas são sempre muito específicas e peculiares, porque decorrentes de cada contexto. Acredita-se que o interesse pela aprendizagem de uma língua estrangeira esteja bastante relacionado à diversidade de insumos que o professor coloca à disposição do aluno, ao fazer uma seleção vasta e criteriosa de materiais didáticos visualmente atrativos e pedagogicamente adequados.

Conclusão

Vivemos em um mundo cada vez mais globalizado. Aprender uma língua estrangeira não é mais visto como sendo um diferencial, mas como algo obrigatório para se inserir e fazer parte da sociedade contemporânea. O lugar tradicionalmente definido para se aprender, inclusive línguas estrangeiras, é a escola. Porém, muito se questiona sobre a autenticidade dessa afirmação, sendo a escola (pública) cada vez mais desacreditada em relação à sua capacidade de ensinar línguas estrangeiras na atualidade.

Diante do que é vivenciado por meio das inserções via PIBID na escola pública, percebe-se certo descaso em relação ao ensino e à aprendizagem da língua inglesa no referido contexto. Os alunos geralmente a veem como algo superficial e desnecessário à sua educação. Muitos deles acreditam que não há razão alguma para que essa aprendizagem aconteça, uma vez que a consideram necessária apenas para quem pretende viajar para outros países, desconsiderando e/ou desconhecendo as outras vantagens desse saber.

Ao se fazer um levantamento dos possíveis problemas encontrados no processo de ensino e aprendizagem das quatro habilidades linguísticas, *reading*, *listening*, *writing* e *speaking*, nos livros didáticos de língua inglesa, justifica-se, ao mesmo em parte, por que a grande maioria dos alunos se sentem desmotivados para aprender uma língua estrangeira. A reduzida carga horária destinada ao ensino de línguas estrangeiras deixa os professores limitados ao livro ao ministrarem suas aulas, e o livro, por sua vez, não está plenamente adequado às necessidades de aprendizagem da língua estrangeira, uma vez que não contempla as quatro habilidades linguísticas, sobretudo a oralidade (*speaking*), de modo eficiente. Portanto, o professor precisa buscar outras fontes de insumo, considerando o contexto do indivíduo, para que possa despertar nele o interesse pela aprendizagem, tentando superar as dificuldades que geralmente o impedem de aprender uma língua estrangeira, seja ela qual for.

Referências

ABREU, J. Dificuldades encontradas por professores de língua inglesa de instituições privadas de ensino superior. **Revista Semioses**, Rio de Janeiro Vol. 01, N. 05. 2009. Disponível em: http://www.unisuam.edu.br/semioses/pdf/rev_semioses_ed5_Art_06.pdf, Acessado em: 24/05/13

BRASIL. MEC. **Parâmetros curriculares nacionais: língua estrangeira / ensino médio**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Brasília: MEC; SEMTEC, 1999.

CORCHS, M. **O uso de textos literários no ensino de língua inglesa**. Universidade Federal do Ceará. Ceará, 2006. Disponível em: <http://www.uece.br/posla/dmdocuments/MargaretCorchs.pdf> Acessado em: 26/05/13.

GIMENEZ, T. Narrativa 14: Permanências e rupturas no ensino de inglês em contexto brasileiro. In: DE LIMA, D. C. **Inglês em escolas públicas não funciona?** Uma questão, múltiplos olhares. Parábola Editorial, São Paulo, 2011, p. 47-54

LEFFA, V. J. Criação de bodes, carnavalização e cumplicidade. In: DE LIMA, D. C. (Org.). **Inglês em escolas públicas não funciona?** Uma questão, múltiplos olhares. Parábola Editorial, São Paulo, 2011, p. 15-31.

LEFFA, V. J. **Pra que estudar inglês, profe?:** Auto-exclusão em língua estrangeira. Claritas, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 47-65, maio 2007.

PAIVA, V. L. M. O. **A identidade do professor de inglês: ensino e pesquisa**. Uberlândia: APLIEMGE/FAPEMIG, n.1, 1997, p. 9-17.

VILAÇA, M. L. C. **Aprendizagem de língua inglesa: das dificuldades à autonomia**. Rio de Janeiro, 2010.

Aceito em 10 de dezembro de 2014.